

## Etnografia de exposições mortas, coleções vivas e ideias persistentes

Aramis Luis Silva<sup>1</sup>

### Resumo

A partir da análise de documentação, faremos a etnografia da Exposição Missionária do Vaticano, de 1925, e da Exposição Geral das Missões Salesianas, realizada em Turim, Itália, em 1926. Os dois eventos são marcos constitutivos de duas importantes coleções bororo que hoje se encontram na Europa e nos ajudam compreender os sentidos impregnados a essas peças durante seu processo de circulação intercultural.

**Palavras-chave:** Coleções-, Bororo, Missão, Exposição, Catolicismo, Museu-,

### Abstract:

A From the analysis of documentation, we will do the ethnography of the Vatican Missionary Exhibition, 1925, and the General Exhibition of Salesian Missions, held in Turin, Italy, in 1926. Both events are

---

<sup>1</sup> Aramis Luis Silva é doutor pelo Departamento de Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Atualmente é pós-doutorando pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e pesquisador do Grupo de Estudos da Mediação e Alteridade, do Núcleo de Estudos de Política, Religião e Espaço Público (Nupre) e do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). Financiamento: Fapesp/Capes. E-mail: [aramisluis@uol.com.br](mailto:aramisluis@uol.com.br).

landmarks from two important collections Bororo now found in Europe and help us understand the meanings imbued these pieces during the process of intercultural movement.

**Keywords:** Collections, Bororo, Mission, Exhibitions, Catholicism

## Introdução

Na década de 20 do século passado, mais de 600 artefatos produzidos por índios Bororo foram levados por missionários salesianos para serem exibidos em duas grandes exposições missionárias europeias, a Exposição Missionária do Vaticano, de 1925, e a Exposição Geral das Missões Salesianas, realizada no ano seguinte, em Turim, a então cidade-sede da Pia Sociedade de São Francisco Sales, como foi intitulada a organização fundada em 1859 pelo padre João Melchior Bosco, o fundador dos salesianos.

Da perspectiva da congregação religiosa, essas exposições faziam parte de duas agendas cerimoniais e espetaculares convergentes e complementares, sinalizando sentidos mítico, sociais e institucionais a serem celebrados: o cinquentenário das Missões Salesianas, aniversário da partida dos seus primeiros missionários em direção às terras de missão, numa “feliz e providencial coincidência”<sup>2</sup>, seria comemorado num ano considerado santo pela Igreja Católica Apostólica Romana, o Jubileu de 1925. Essas datas seriam publicamente homenageadas com a promoção das duas exposições missionárias independentes. Na primeira, os salesianos participariam como expositores convidados, e, na segunda, como os organizadores-protagonistas. Ambas realizações, porém, igualmente compromissadas em exibir a extensão e o dito poderio civilizacional do “império espiritual católico”. Apropriando-nos da

---

<sup>2</sup> Boletim Salesiano, n.3, maio-junho de 1924, pág. 68.

metáfora eclesiástica, o caminho para isso seria fazer ver às multidões não os grandes centros católicos imperiais e seus faustosos patrimônios, mas justamente aquilo que seria o seu avesso: suas “colônias espirituais” espalhadas por vastos “territórios de missão”, ou seja, pelas “regiões onde a Igreja Católica ainda não estava plenamente organizada” (Argañaraz, 2006). Acossado pela concorrência religiosa protestante e pelo descrédito racionalista progressivo, o Vaticano esquadrihava o mundo a fim de distinguir seus territórios já sob guarda de suas dioceses daqueles que estariam à espera de religiosos.

A Igreja e a Pia Sociedade foram contemporâneas, participantes e críticas das grandes exposições universais e coloniais, espetáculos com os quais as então potências industriais de então laurearam a modernidade numa reafirmação da crença na superioridade do dito homem ocidental frente às populações que estavam sendo anexadas aos seus territórios imperiais (Pesavento, 1997). Em contrapartida, as duas organizações criaram suas próprias exposições internacionais para ir à cena pública para exibir os seus específicos projetos para o moderno. Afinal, como apontou Pesavento em relação às mostras laicas, se o mundo já podia ser condensado em mostras universais que reuniam invenções, máquinas, plantas, minerais, obras de arte e tudo aquilo que fosse capaz de representar o domínio do homem branco sobre a natureza e demais coletivos humanos, eventos similares podiam ser empreendidos para recolocar Deus no centro desse mundo e garantir a ele os créditos dessa conquista.

E assim fizeram o Vaticano e os salesianos quando promoveram suas exposições missionárias. Num tempo, como nos lembra Benjamin (1994), Clifford (2008) e Pesavento (1997), em que um modo tradicional de comunicação sustentado por narrativas contínuas e letradas estava sendo substituído pela pulverização de informações e novas mídias, a estratégia católica também usaria exposições como instrumentos para seduzir e convencer por argumentos, sentidos e emoções. Tomando a divindade como um mínimo denominador comum do mundo e das coisas em que nele existem; dos povos e das suas mais diversas formas de manifestação, as mostras missionárias pretendiam evidenciar que, apesar de a Igreja e os Estados nacionais comungarem do mesmo

“anseio colonial”, haveria uma diferença ética substancial entre seus projetos civilizatórios, ou seja, um plano de incluir toda a humanidade naquilo que era percebido como um único arcabouço jurídico e moral possível.

Raça, mentalidade, tecnologia ou qualquer outro critério então cientificamente em voga usado para identificar e explicar as diferenças entre os homens também faziam parte do cabedal ideológico do projeto missionário católico. Porém, seu programa de integração e subordinação da humanidade a uma ordem unívoca ganhava contornos bem específicos ao estar alicerçado sobre a ideia de uma religião natural como marca universal dos homens. Mesmo que percebido como “selvagem”, “bárbaro”, “inculto”, “atrasado”, “infantilizado”, “pobre”, “inferior”, “decaído”, “corrompido”, “vitimizado” ou qualquer outro item da lista de qualificativos depreciativos utilizados na época das exposições para descrever os povos missionados, o mundo extraeuropeu marcava presença nas grandes exposições salesiana e vaticana não só por aquilo que era percebido como falta ou exotismo. Enquanto que as exposições leigas da Europa e Estados Unidos abriam sua programação para aquilo que foi chamado pelos pesquisadores como zôo humano – espécie de prenúncio dos *realitys shows*, nos quais representantes de grupos étnicos eram transportados dos seus locais de origem para simularem em pequenos cercados ou jaulas seus modos de vida “selvagens e bárbaros” para entreterem as multidões que faziam das exposições seus programas de lazer (Bancel et al., 2002) –, nas mostras missionárias eles lá estavam também como provas públicas da existência das múltiplas facetas do *homo religiosus*, ou seja, daquele que “crê” naturalmente. Um argumento teológico e científico de época com profundas implicações políticas.

Numa primeira dimensão, seria a tese basilar do projeto proselitista católico e também núcleo de um argumento científico em desenvolvimento para comprovar a universalidade da ideia de Deus (referência ao monoteísmo primitivo do padre Wilhelm Schmidt, que se tornaria o curador da exposição vaticana). Noutra, esse índice de igualdade serviria de atestado de integração a um só coletivo humano que conferia a esses povos direitos naturais que deveriam assegurar a eles posições diversas daquelas que até então lhes estavam sendo construídas

pela ordem colonial laica. Respaldados por esse cabedal conceitual, a Igreja e seus missionários se anunciavam publicamente como tutores das populações extraeuropeias. Se cabia a esse mundo que iria se descobrir multicultural a metáfora de uma orquestra em busca de afinação, a Igreja e seu “exército missionário” encontrariam nessas exposições oportunidade para reivindicar o papel da regência. Visando angariar fundos, despertar simpatia do público e arregimentar novos missionários para atuarem nos seus territórios de missão, as mostras serviram de propaganda para divulgar o projeto evangelizador católico e convencer os visitantes sobre a eficácia e legitimidade dessas iniciativas.

E nessas demonstrações públicas da obra missionária – ópera espetacular modulada por objetos, plantas, animais, peças mineralógicas, resquícios arqueológicos ou paleontológicos, mapas, livros, quadros estatísticos, desenhos, dioramas, maquetes e fotografias –, os índios Bororo do Mato Grosso vão se tornar personagens em destaque. Para os eventos, sua imagem modelada para encarnar o protótipo ideal do missionado em terra de missão, ou seja, seriam capazes de dar vida à tríade sógnica “do índio como ‘selvagem’, ‘pacificado’ e ‘integrado/civilizado’” (Tacca, 2002). Tomando os então 23 anos de vivência entre os Bororo como modelo de atuação missionária, os salesianos faziam desse povo uma peça comprobatória da eficácia do seu projeto civilizatório.

Mesmo ausentes fisicamente, eles seriam representados por meio dessa extensa coleção de artefatos postos então em trânsito, para serem transformados, pelas mãos missionárias, em “objetos etnográficos”. Naquele contexto, “peças científicas” que iriam transmutar os Bororo em “objeto de conhecimento” e os salesianos como os sujeitos que os produziram. Porém, além de simplesmente oferecer nessas exposições uma representação pretensamente objetiva sobre o que seria esse “grupo nativo brasileiro”, ao tomarem para si aqueles objetos e os inscreverem na sua história congregacional, os salesianos acabariam por transformar os Bororo em “peças” do seu próprio imaginário e mito religioso.

Vejamos por que e de que modo essa empreitada simbólica foi realizada. Como evidenciaremos a seguir, é preciso levar em conta que tal

plano de missão é apenas uma parte de um programa sociocosmológico católico mais amplo. Essa condição nos possibilita enxergar as exposições de quatro perspectivas combinadas: exposições como pedagogia, como produção de saberes, como ação civilizatória e, enfim, como propaganda desses três primeiros eixos. Em cada uma delas, as peças ditas etnográficas são transformadas em um léxico de um discurso que extrapola o âmbito etnológico.

### **As diretrizes vaticanas e o resultado final**

Conforme atesta a série de documentos guardados no Arquivo Salesiano Central de Roma, os preparativos para a Exposição Missionária Vaticana, os mesmos que dariam forma à exposição de Turim, seguiam uma pauta de demandas e protocolos estabelecidos, inicialmente, pela Congregação *Propaganda Fide*, e mais tarde, pelo Comitê Diretivo formado para organizar o evento. Aos padres da congregação salesiana, assim como aos outros irmãos e irmãs dos demais 51 institutos missionários participantes do evento, foi fornecida uma série de instrumentos que serviram como bússolas curatoriais. Entre eles, um boletim oficial normativo com um resumo programático da mostra; planta da área expositiva; e memorandos com os princípios de organização das seções<sup>3</sup>.

O rigor da curadoria vaticana e a estrutura organizacional que lhe dava suporte precisavam estar à altura das pretensões do evento: ser “essencialmente uma exposição científica”<sup>4</sup>. O Vaticano queria promover uma grande programação para impressionar as massas, mas também

---

<sup>3</sup> A partir deles, os salesianos organizaram sua própria estrutura para execução particular dos desígnios papais, veiculando seus próprios protocolos e incrementando a listagem de documentos da exposição, com suas fichas padronizadas de catalogação de peça; questionários-padrão para levantamento de informações de cada território de missão; e guias de instruções de coleta, identificação, transporte e armazenamento das peças.

<sup>4</sup> Boletim Salesiano, n.º 3, maio-junho de 1924, p. 69.

desejava, sobretudo, a chancela dos intelectuais e cientistas europeus. Os institutos precisavam estar preparados para responder à altura. Além de mostra de objetos, mapas, estatísticas, produtos naturais típicos, fotografias, etc, a exposição seria acima de tudo uma mostra de competências.

O critério de formação do comitê diretivo da exposição foi essencialmente eclesiástico. A presidência coube ao Monsenhor Francesco Marchetti Selvaggiani, arcebispo de Selêucia<sup>5</sup> e secretário da *Propaganda Fide*. A vice-presidência e secretaria-geral, respectivamente, aos Monsenhores Cesare Pecorari e Giuseppe Nogara. A tríade era apoiada por um conselho diretivo formado por mais 11 nomes do clero e que comandou outro grupo dividido em nove comissões, cada uma delas presidida por um nome também ligado à hierarquia eclesiástica. As comissões eram: Missionária (responsável pela articulação do comitê com os 52 institutos participantes), Artística, Medicina, Técnica, Pessoal, Propaganda & Publicações, Transporte & Custódia e, enfim, a Científica<sup>6</sup>. É justamente essa última comissão que confere as credenciais “científicas” ao evento.

“Per ciò poi che riguarda la mostra missionaria, fino dal principio della costituzione del Comitato Diretivo, furano chiamati i più validi studiosi del mondo cattolico perchè avessero dato subito le indicazioni sul materiale da richiamare all’Esposizione e avessero proceduto allo Studio e

---

<sup>5</sup> Território pertencente à Turquia.

<sup>6</sup> No guia da exposição (*Piccola Guida della Esposizione Missionaria Vaticana*), a Comissão Científica não é nomeada enquanto tal, apesar da publicação fazer detalhadas referências ao seu trabalho. Todavia, o grupo de intelectuais e acadêmicos mobilizados pelo evento vaticano é tratado desse modo no elenco de participantes e das “comissões” encontrado no Arquivo Salesiano Central de Roma (*Comitato Diretivo e Commissioni* - A8380252). Na imprensa, o grupo também assim foi tratado, como podemos conferir na reportagem de janeiro de 1925 da revista Santa Cruz.

Allá valorizzazione scientifica del preziosissimo materiale qua convenuto.”<sup>7</sup>

Responsável pelo núcleo central expositivo, a Comissão Científica foi presidida pelo padre e antropólogo Wilhelm Schmidt. Integrante da Sociedade do Verbo Divino, ele foi o fundador e editor da *Anthropos* e autor de obras como *Der Ursprung der Gottesidee* (A origem da ideia de Deus). Foi graças a essa publicação que a Universidade de Roma o proclamou doutor “*ad honorem*”. O padre foi também membro das academias de ciência de Viena e Berlim e da Academia Francesa.

Originalmente, o padre havia sido escolhido para presidir a seção de “Etnologia e Linguística”, um dos quatro subgrupos formados pelos “*esperti*” da Comissão Científica. Mas durante o desenrolar dos trabalhos, o religioso e acadêmico acabou sendo convidado para assumir a presidência-geral da comissão, como registra reportagem publicada na revista *Santa Cruz* de janeiro de 1925. Integrante da austríaca Casa de São Gabriel, o então professor de seminário e da Universidade de Viena também passou a coordenar os trabalhos das seções “Biblioteca”, “História das Missões” e “Estatística Geral”. Além de Schmidt, integravam a seção de “Etnologia e Linguística” os padres Pinard de la Boullaye Enrico, Briault Maurizio, Herbinière Emilio, Misonne Alberto e Van den Pudenhrijn Marcantonio<sup>8</sup>.

Tendo a exposição sido concebida para ter duas partes, esse conjunto expositivo foi chamado de “Geral”, notadamente “científico”. Ele seria complementado pela parte “Especial”, que teria “*un caractère plutôt populaire*”<sup>9</sup>. Nela, seriam representadas todas as missões católicas

---

<sup>7</sup> Piccola Guida della Esposizione Missionaria Vaticana, p 2.

<sup>8</sup> Comitato Diretivo e Commissioni. Arquivo Salesiano Central (A8380252).

<sup>9</sup> Esposizione Missionaria Vaticana. Pour la section d’ethnografie. Texto assinado pelo Padre W. Schmidt. Localizado no Arquivo Salesiano Central de Roma (M34400 A838).



situadas nas várias partes do mundo. Para esse efeito, seriam criadas seções para evocar determinadas regiões do globo terrestre e, como nas seções da parte geral, seria designado para cada uma delas um grupo de “estudiosos” presididos por um notável para organizar os trabalhos. Compunham as seções especiais: “Ásia Continental” (organizada por 6 membros), “Ásia Insular” (4), “África (3) e América (4)”<sup>10</sup>. Coube também ao padre Schmidt a função de liderar o trabalho desse segundo grupo (da parte especial) e articulá-lo com o grupo da parte geral. Se o comitê diretivo e as comissões gerais e especiais definiriam a ossatura desse grande corpo expositivo, caberia aos religiosos em campo missionário lhe dar vida por meio de suas coleções.

No dia 25 de dezembro de 1924 era inaugurada a Exposição Missionária Vaticana, marcando a abertura do Ano Santo de 1925. Nas reportagens jornalísticas italianas, uma pauta em comum: retratar a suntuosidade da cerimônia de abertura e destacar aos leitores as principais atrações e “curiosidades” que a mostra oferecia ao seu público. A “impressionante” solenidade da cerimônia de abertura da exposição transcorrida no Museu Chiaramonti era comprovada pela listagem de nomes destacados nos textos jornalísticos, assim como fizera o redator anônimo do *Il Giornale D'Italia*. Segundo registrou o veículo, compareceram ao evento todos os cardeais do Sacro Colégio, o corpo diplomático credenciado junto ao Vaticano, a aristocracia romana e milhares de missionários que viajaram até Roma para prestigiar a abertura da mostra. Após locução do cardeal van Rossum, prefeito da Congregação *Propaganda Fide* e do breve discurso papal, Pio XI e uma comitiva de convidados especiais, acompanhados por jornalistas, passaram em revista os pavilhões da exposição vaticana. Acompanhemos o percurso percorrido, seção por seção, de forma a apresentar ao leitor o que eles teriam visto.

---

<sup>10</sup> Comitato Diretivo e Commissioni. Arquivo Salesiano Central (A8380252). O documento não faz menção a uma comissão destinada à Oceania, mesmo que essa parte do globo tenha ganhado durante o evento sua seção, como os demais continentes.

## O Circuito

1.O percurso papal respeitava os planos da curadoria: conjugar uma viagem no tempo e no espaço na qual as missões serviriam como fio condutor. Na prática, tratava-se de observar como as missões produziam territórios religiosos, que redundavam em transformações civilizacionais. Assim, a visita começava pelo pátio Pigna, espaço que os visitantes chegariam depois de passar pela bilheteria e trilhar pelo caminho que dava acesso à redação da *Rivista Missionaria Illustrada* e à direção da exposição. Ao chegar nela, a primeira seção a ser visitada era o pavilhão Terra Santa, “*alla culla del Cristoanesimo*”<sup>11</sup>. Uma maquete feita pelo escultor do vaticano Marcelliani reproduzia um território que se estendia da Palestina ao Líbano e Mar Morto, item que ganhou especial atenção nos jornais. Nela poderia se observar a viagem apostólica de Jesus Cristo. “O trabalho mostra os Santos Logares e da uma Idea completa da Historia Biblica. Outro relevo mostra a cidade de Jerusalém e o monte Calvário.”<sup>12</sup> É interessante o anseio de capturar uma narrativa essencialmente mítica e transpô-la para um instrumento científico. Na prática, os curadores usam a ciência para fazer um decalque do mito. Quadros com cenas históricas forrando as paredes narravam a origem do apostolado, do nascimento de Jesus até o trabalho missionário dos apóstolos. A representação pictórica também dava relevo ao desenvolvimento do cristianismo na Terra Santa e transformava a Questão Palestina em alvo de reflexão. Roma pedia que a Palestina fosse reconhecida como um baluarte do cristianismo.

2. Na sequência, a comitiva papal visitou o pavilhão dedicado à História das Missões, contada por uma série de painéis produzidos por artistas e pelo conjunto de *memorabilias* enviadas pelos missionários.

---

<sup>11</sup> Picolla Guida della Esposizione..., p.5.

<sup>12</sup> Revista Santa Cruz, maio de 1925, p. 214.

3. Continuando o passeio, o grupo pôde observar que o apelo histórico se deslocou para o foco personalístico na Sala dos Mártires, o pavilhão seguinte. Nele, foram representados em quadros pintados personalidades que tinham “scrissero con gli stenti e i martiri la loro vita di santa operosità missionaria e ia suggellarono con il sangue”. No centro da sala foi colocada uma estátua em homenagem ao papa São Gregório Magno, que enviou Santo Agostinho da Cantuária evangelizar os anglo-saxões.

4. O quarto pavilhão percorrido era dedicado à Etnografia Geral. Organizado pelo “método histórico” (evolucionista), o conjunto de objetos estava exposto para retrazar os sucessivos estágios evolutivos “da cultura dos povos”. Segundo a *Piccola Guida*, essa seção serviria como uma síntese da grande mostra, por evidenciar os benefícios das missões, que estariam engajadas em “retirar esses povos da barbárie”.

5. O quinto pavilhão inaugurava a seção especial, referente aos continentes. A primeira porção do globo representada seria a América do Norte e Central. Lá os visitantes encontraram ocupando posição de destaque uma estátua do Padre Enrico Marquette, cópia da original que está no Capitólio de Washington. A exposição prestava sua homenagem ao jesuíta que havia explorado o Rio Mississipi. Os institutos expositores nesse pavilhão seriam PP. Menores Franciscanos, PP. Redentoristas, PP. da Companhia de Jesus e PP. Oblatos da Virgem Imaculada.

6. Os próximos passos levariam a comitiva ao Salão Central da *Propaganda Fide*. Nesse espaço, o público poderia compreender como era organizada a atuação da Igreja nos ditos territórios de missão, atendidos pelas Prefeituras e Vicariatos Apostólicos ou simplesmente pelas missões. Uma nova maquete exibia os territórios sob jurisdição da congregação pontifícia e quadros estatísticos exibiam o estado das artes do processo de evangelização católico em todo o mundo.

7. De lá se caminhava até a Biblioteca Missionária. Dentre todos os itens reunidos, destacava-se a riquíssima coleção da *Propaganda Fide*, que havia sido transportada da Piazza di Spagna, Roma, para o Vaticano.

8. Dirigindo-se para o pavilhão da América Meridional, o grupo encontrava informações relativas às missões entre os Bororo e as demais

empresas missionárias salesianas na América do Sul. Esse pavilhão, aliás, seria reconhecido pelos jornalistas, como sendo majoritariamente dos filhos de Dom Bosco, em virtude do tamanho da área expositiva reservada a eles. Foi também nessa sala que o padre fundador da congregação ganhou uma homenagem. Lá, os salesianos dividiram espaço com as missões dos capuchinhos no Rio Solimões (Estado do Amazonas) e em Araucania (Chile); e da Ordem Menor Franciscana, entre os povos do Peru e Bolívia.

9. Da América Meridional a comitiva seguia para a “Ásia Anterior” (Oriente Médio), onde também estariam presentes os salesianos. Além deles, foco nas missões dos capuchinhos; carmelitas descalços, assuncionistas, jesuítas e destaque especial para os lazzaristas, presentes na Síria, Armênia, Mesopotâmia (Irã e Iraque) e Arábia. A viagem seguia Oriente adentro por meio de duas salas dedicadas à Índia, onde na primeira seria prestada homenagem a São Francisco Saverio por meio de uma estátua. Nessas seções, espaços para exibição da obra dos capuchinhos, jesuítas, carmelitas descalços, redentoristas e também, numa pequena parte, para os salesianos. Chegando à Indochina e Celião (atual Sri Lanka), os padres de Turim voltam à cena, agora acompanhados pelas obras das Missões Estrangeiras de Milão, das Missões Estrangeiras de Paris e dos institutos Santa Cruz, PP. Dominicanos e Oblatos de Maria Imaculada.

10. Saindo do pátio Pigna, o primeiro pavilhão instalado nos jardins vaticanos a ser visitado era o de Medicina Missionária e Colonial, especialmente dedicado às doenças tropicais. Lá, a comitiva pôde ver doenças elencadas, descritas e métodos curativos apresentados. Mas a seção se propunha ser mais que uma enciclopédia médica. Ela havia sido planejada para educar e instruir os missionários que a visitassem. Nesse espaço, puderam aprender técnicas como preparar água para ser ingerida ou cuidados para se defender da picada de insetos ou mordida de cobras.

11. Do pavilhão médico passava-se para o primeiro pavilhão da China, que tinham como exibidores os franciscanos da Ordem Menor, dominicanos, passionistas, agostinianos, missionários das Missões Estrangeiras de Paris e os salesianos. Segundo interpretação do próprio

Vaticano, a riqueza e variedade das coleções chinesas estariam relacionadas ao número expressivo de vicariatos apostólicos animados pelos missionários franciscanos naquele país. Mas a exibição chinesa não parava por aí. Após passar pelo terraço que dava vista para a cúpula “michelangiolesca” da Igreja de São Pedro, os visitantes chegariam ao salão que abrigava as “obras de arte e da perícia técnica” produzidas pelos alunos da Companhia de Jesus nos territórios de Ngan-Hoei e de Nankin. Pelo que se acompanhou dos jornais, a mostra referente à China foi uma das que mais causaram admiração da opinião pública. É interessante observar que o aparato conceitual estético italiano oferecia elementos para o grande público reconhecer, sobretudo nos pavilhões orientais, as peças apresentadas como exemplares de obras de arte não ocidental. Nesse segundo pavilhão, espaço ainda para os missionários portugueses da diocese de Macau, para os lazzaristas, alunos dos seminários missionários de Parma e Roma, das Missões Estrangeiras de Paris e Milão, e ainda, para a recém-criada comunidade missionária norte-americana de Maryknoll. A sala expunha também o trabalho das missões na Coreia.

12. O pavilhão seguinte levava a comitiva para uma viagem ao Japão e à “Ásia Insular” (Filipinas). Nesse espaço seriam encontradas as missões dos capuchinhos, jesuítas, carmelitas, do Verbo Divino, dominicana, franciscana, das Missões Estrangeiras de Paris e dos missionários Mill-Hill. A passagem de um pavilhão para o outro os visitantes eram transportados para outro continente: a Oceania, cujo principal atrativo era o seu “caráter ainda selvagem e primitivo”<sup>13</sup>, representado nos jornais italianos por uma série de desenhos referentes àquelas populações. No grupo de expositores dessa porção da terra que incluía até as ilhas do Haváí, constavam os missionários da Congregação do Verbo Divino, beneditinos, maristas, missionários do Sagrado Coração de Jesus e também os salesianos, com sua missão australiana de Kimberley.

13. A presença maciça da missão católica na África seria expressa pelo tamanho do espaço expositivo reservado ao continente. Seis salas

---

<sup>13</sup> Picolla Guida della Esposizione...p. 12.

divididas em Congo Belga e Congo Francês; África Central; África Ocidental e Setentrional; África Oriental e Setentrional, esta última, ocupando três pavilhões. Sem dúvida o continente era o mapa continental missionário mais pulverizado em relação ao número e as posições dos institutos. Lá estavam os franciscanos no Marrocos, Egito e Líbia; as Missões Africanas de Lyon no delta do Nilo, Costa do Marfim e Nigéria; as Missões Africanas de Verona no Nilo Equatorial; os missionários Bianchi no Sudão e no Saara e os salesianos no Porto Said e Katanga, no Congo Belga. Além deles, os missionários da Consolata, da Mill-Hill, beneditinos, jesuítas, missionários da Salette, lazzaristas, missionários Marianhill, oblatos de Maria Imaculada, servos de Maria, beneditinos de Santa Otília, padres do Espírito Santo, missionários do Sagrado Coração.

14. Encerrando os pavilhões instalados nos Jardins Vaticanos, uma sala expográfica intitulada “Vita a Bagdad”, sob curadoria dos padres carmelitas descalços.

15. Nas instalações do Museu Chiaramonti, a comitiva teria de passar pela seção de Estatística Missionária. Não bastavam apenas coisas para contar a história da evangelização católica pelo mundo. O tempo exigia números. E nesse espaço a ação da Igreja seria contabilizada: número de vicariatos e prefeituras apostólicas, número de seminários, de países atendidos pelas missões, de cristão, de catecúmenos, de irmãos e irmãs em solo missionário, tamanho do clero indígena e comparativo frente às missões protestantes e ortodoxas. Além disso, era preciso traduzir a ação das escolas normais, técnicas e agrícolas; dos hospitais; das unidades funcionais, como as tipografias e editoras; e dos aparelhos científicos sob administração católica, como os observatórios meteorológicos dos salesianos.<sup>14</sup> Ainda neste museu, uma sala dedicada a todos os institutos missionários católicos, onde era tratada uma variedade de assuntos.

Orçada em 500 mil dólares provenientes dos cofres vaticanos, a exposição estava preparada para garantir o conforto e a segurança dos

---

<sup>14</sup> Esposizione Missionaria Vaticana – Commission de la Statistique. Versão em francês da circular encontrada no Arquivo Salesiano Central de Roma (A8380215).

visitantes<sup>15</sup>. No local, serviços médicos foram disponibilizados, contingente da guarda vaticana mobilizada e um pelotão de bombeiros instalado junto à mostra. Para ter acesso ao local, os visitantes precisariam pagar apenas o valor simbólico de 1 lira. O papa queria mostrar que o evento não tinha fins lucrativos.

A exposição vaticana se manteria em cartaz exatamente um ano, ou seja, durante toda a celebração do Jubileu de 1925 (25 dezembro de 1924 a 25 de dezembro de 1925). Ao longo desse período, a mostra forneceria assuntos à imprensa e inspiração para os jornalistas, que voltariam aos pavilhões e jardins vaticanos em busca de histórias e curiosidades para serem contadas ou descritas aos leitores de língua italiana. Entre elas, a saga dos missionários salesianos “em defesa dos índios da América do Sul”, a “miséria e o fanatismo dos indianos”, as “práticas canibais da Oceania”, o “refinamento civilizacional japonês”, a “ferocidade” da natureza africana, a coragem do missionário que teria enfrentado um tigre com um sino ou, ainda, os tormentos do inferno de Buda reproduzidos numa “instigante” escultura de 50 cm.

Repercussão. O evento havia atingido um dos seus principais objetivos. “Il primo successo, un divino successo, è quello di una nuova e pratica dimostrazione dell’universalità, dell’unità del vivente organismo della Chiesa di Dio”<sup>16</sup>, avaliou o papa Pio XI durante a cerimônia de encerramento do evento criado para impulsionar a obra missionária católica. Vinculado aos festivais vaticanos, o ano ainda seria marcado pela consagração dos primeiros bispos chineses, fato interpretado como fruto da ação missionária. E o ímpeto celebratório missionário se estenderia para o próximo ano. No dia 28 de fevereiro de 1926, Pio XI publicaria a Encíclica *Rerum Ecclesiae*, documento papal especialmente dedicado às missões. No dia 1º de abril do mesmo ano, instituída o Dia Mundial das Missões, a ser comemorado em toda a Igreja no penúltimo domingo de outubro de cada ano.

---

<sup>15</sup> Revista Santa Cruz, março de 1925, p. 120-121.

<sup>16</sup> Arquivo Salesiano Central de Roma (A8390621).

## **O palco etnográfico salesiano e sua lógica expositiva**

Finda as celebrações do Ano Santo, era hora dos filhos de Dom Bosco levarem a cabo sua própria exposição missionária. Tratava-se de reproduzir em escala salesiana a estrutura da mostra vaticana. Entre maio e setembro de 1926, de segunda a sábado, das 9h00 às 12h00 e das 15h00 às 19h00, uma multidão de visitantes percorreu os salões de exposição distribuídos no jardim e em dois pavimentos do conjunto arquitetônico de Valdocco, bairro de Turim onde a congregação está instalada até hoje. Somente no primeiro mês, a bilheteria contabilizaria cerca de 100 mil espectadores<sup>17</sup>.

Internamente, os visitantes encontravam as seções especiais criadas para ilustrar cada uma das missões da congregação ou dar abrigo às mostras temáticas. Cada uma delas era dividida por série de estandes, nas quais vitrines ou mostruários organizavam uma gama de material recolhido pelos missionários para compor um discurso expográfico bem definido: uma viagem pelo mundo, agora exclusivamente organizada pelos territórios de missão salesiana. Já na primeira sala, espaço dedicado a Dom Bosco, uma obra significativa serviria para lembrar a todos por meio de uma alegoria que aquela viagem começaria por conta de um sonho premonitório: uma pintura retratava o santo do Piemonte, junto aos meninos, a admirar o globo terrestre que lhe havia sido confiado para nele ser implantada a sua obra. Na sala adjacente, outro homenageado: Giovanni Cagliero, o religioso que conduziu a primeira missão salesiana na América, continente retratado em um painel instalado no átrio do edifício. Era o mito se transmutando em história e transbordando em geografia.

Estudantes salesianos do então recém-inaugurado Instituto de Teologia Internacional de Turim trabalhavam como monitores ajudando os visitantes a decifram o universo visual apresentado. Disponível para

---

<sup>17</sup> Fonte: Revista Juventude Missionária, agosto de 1926.



a venda, assim como os demais itens comercializados numa espécie de lojinha da exposição, a *Guida – Ricordo della Esposizione Missionária Salesiana* aconselhava a todos a prestarem atenção nas fotografias expostas e pedia para que os visitantes não deixassem de ler as suas legendas. Só assim poderiam obter uma melhor ideia sobre as regiões de missão, a vida dos “selvagens pagãos ou infiéis” e os “consolantes resultados do trabalho missionário salesiano”.

Nesse roteiro de viagem, paragens pelas Missões da América, Índia, Palestina, Austrália, do Extremo Oriente, da “tenebrosa” África... Em cada uma delas, *naturalia* e *artificialia* se fundiam para compor cada um dos territórios de missão. “Assim é que entre muitos vê-se o grande salão do Rio Negro e Matto-Grosso com suas intermináveis coleções de borboletas, seus mostruários copiosamente ricos de objectos ostentando os usos e costumes dos Bororo, Tucano, etc”, conta o redator anônimo da *Revista Juventude Missionária*, de julho de 1926. Ainda na sala, entre exemplares como “o grande crocodilo de Cuiabá” e uma sucuri de 8 metros de comprimento embalsamados, constavam ainda grandes dioramas com quadros da vida missionária e bonecos de cera representando índios com trajes típicos, ornamentos e armas. “Com a mesma perfeição e ordem ostentam-se os outros salões dedicados aos Jívaros do Equador, às missões de Tanjore, Madrasta, Assam (índias), à da China, do Congo, da Palestina, etc.”, complementa o redator.

Caminhando por essas paragens, os visitantes podiam conhecer as ervas da Terra do Fogo, as castanhas do Rio Negro, os tecidos de sisal americano, a palha *toquilla* usada na fabricação do chapéu panamá, as plantas cultivadas pelos Bororo e inúmeros outros produtos naturais exibidos em seus estados brutos ou manufaturados, destaca artigo publicado na *Torino – Vista Mensile Municipale*, de junho de 1926. Assinado por Francesco Oddone, o texto acabava por reconhecer o serviço que as missões salesianas estavam novamente prestando à indústria e ao comércio italiano com essa nova exposição. Espalhados pelo globo, os missionários de Dom Bosco prospectavam o mercado internacional de matérias-primas.

Numa época obcecada pelo dito agir racional, como observa Pesavento (1987) em relação às exposições laicas, os salões salesianos também ofereciam aos visitantes seduzidos pelo gozo *voyer*, o *álibi* da ciência... da razão. Pois, andar entre os estandes para conhecer as missões e o mundo era visto como uma ação educativa, com fins científicos. Aos visitantes, era oferecido um banquete de imagens, uma enciclopédia visual na qual cada um poderia garimpar informações inéditas e surpreendentes, transformando a banal e automática curiosidade em instrumento de instrução.

Percorrendo os estandes e salões internos de Valdocco, as pessoas se deparavam, por exemplo, com coleções vegetais, peças mineralógicas e, numa sala dedicada à paleontologia e paleontografia, crânios humanos encontrados na Patagônia e um enorme esqueleto de um mastodonte pintado num mural. Além disso, viam abundantes exemplares do reino animal. Os maiores e empalhados, como as lontras, pinguins, aves de rapina, tigres, leões e avestruzes, eram exibidos pelos corredores dos salões ou em cima de colunas. Os menores, como insetos e répteis, ficavam nos mostruários e vitrines, locais onde também abundavam outras coisas expostas para instigar e fazer conhecer: os objetos produzidos pelos povos nativos, alguns deles guardados nos depósitos de Valdocco desde a primeira exposição, a de 1889.

A lista de coisas era enorme e também heterogênea. Nela figuravam itens como armamentos; vestimentas de vários tipos de tecidos e fibras; ornamentos para as mais diferentes partes do corpo, tanto feminino como masculino; utensílios domésticos, rituais, de recreação, de caça e pesca; e produtos nativos como o sabão vegetal e pós utilizados pelos “indígenas” para se pintarem. Em relação a este último, Oddone, o redator da revista de Turim, achou que havia uma estranha aproximação com “i costumi dei Bianchi, anzi delle bianche specialmente”<sup>18</sup>.

A *Guida* ajudava o visitante a identificar as atrações imperdíveis, como as cabeças ameríndias mumificadas e reduzidas quase ao tamanho

---

<sup>18</sup> Torino- Vista Mensile Municipale, junho de 1926.

de um punho. Frutos dos conflitos dos Jivaro, que decepavam a cabeça dos inimigos para transformá-las em objetos rituais, essas peças se tornaram nessa exposição um ícone da barbárie e, em contrapartida, do heroísmo e da coragem dos missionários. Foi também a partir da *Guida* que Oddone elaborou a sua lista daquilo que ele chamou de objetos excepcionais.

Das coisas dos Bororo, descritos como a “terrível tribo brasileira convertida à civilização pelos salesianos”, ressalta o colorido de suas peças ornamentais e o fato de animais abatidos serem transformados em elementos de estética. Essa mesma característica leva o jornalista italiano a colocar novamente os Jivaro no centro das atenções. Impressionado com a operação, o jornalista conta que para ser fabricado só um dos seus ornamentos, esses índios precisavam abater 240 pássaros para deles extraírem 480 fêmures. Ele presta atenção ainda em enormes “feixe de varas” que seriam utilizados pelos indígenas em “provas de resistência”. Sem mencionar os Bororo, fazia referência aos cilindros de talos de buriti utilizados na cerimônia do *marido*. Figurando sempre em pares, representam casal de espíritos masculino e feminino da cosmologia bororo.

Mas na opinião do redator anônimo da *Revista Juventude Missionária*, as atrações mais interessantes ficaram expostas no jardim de Valdocco. Além de uma gigantesca maloca amazônica transformada em lanchonete para os visitantes, lá as pessoas podiam encontrar “ao lado de um mimoso observatório meteorológico, cabanas de índios jivaros, patagões e fueguinos, todas elas ocupadas pelos seus respectivos moradores”<sup>19</sup>, conta o jornalista, maravilhado. “Todas elas representando ao vivo a vida desses pobres selvagens. É uma cousa original”.

Mas, se no museu as missões serviam para fazer ver o mundo, o contrário também era possível, como mostraram os filhos de Dom Bosco. Em salas especiais, coleções foram mobilizadas para expor especialmente, num ambiente, o trabalho missionário de “assistência religiosa”, noutro, de “assistência sanitária”. Para os salesianos e Filhas

---

<sup>19</sup> Revista Juventude Missionária, julho de 1926, pg. 11-12

de Maria Auxiliadora, duas facetas complementares das suas atuações missionárias<sup>20</sup>.

O primeiro espaço, da assistência religiosa, evocaria uma cena histórica das missões salesianas entre os Bororo. Junto a um diorama em que aparecem um rio e um pequeno pedaço de floresta, um missionário encarnado por um boneco de cera constrói seu altar com hastes de bambu e pano, imagem inúmeras vezes retratada textualmente nas publicações da congregação, evidenciando uma comunicação baseada na convergência de mídias: ver aquilo que as imagens textuais já haviam contado; rever aquilo que as fotografias preto e branco publicadas já tinham exibido. Na cena, a fé e a obstinação religiosa dos missionários eram contrastadas pela rusticidade da natureza.

Já na segunda sala foram exibidas coleções de caixas de medicamentos utilizados nas missões, versões de estojos de primeiros-socorros, uma maca usada em campo missionário e a reconstituição de dois ambulatórios cirúrgicos organizados sobre tendas. Enquanto as funções informativa e ilustrativa eram conferidas mediante a tradicional exposição de coleções, transformá-las em objetos de cena garantia a dramaticidade a esses espaços. Também encenada por meio de bonecos, numa imagem, uma filha de Maria Auxiliadora trata das chagas de um leproso contorcido pelas dores.

Noutra cena, outra irmã trajada de hábito branco cuida de um menino lacerado pela mordida de um crocodilo (oculto). Estanques, mas evocativas, as cenas contavam com legendas, recursos que tratavam de garantir o núcleo da força expressiva dessas imagens: davam-lhes enredos. Em um deles, a assistência a uma doença genérica era substituída pela hanseníase, a lepra, mal que possui até hoje valor semântico expressivo no imaginário cristão. Imóvel, a cena foi montada para colocar as imaginações em movimento histórico e mítico. Pela filha

---

<sup>20</sup> Interessante observar que em alguns museus etnográficos missionários até hoje dedicam seções reservadas às coleções médicas. O Museu do Índio de Manaus, mantido pelas Filhas de Maria Auxiliadora da Amazônia, por exemplo, mantém em exibição espaço anexo para exibir o universo da cultura material médica de sua prática sanitária.

de Maria Auxiliadora se enxergava cristo visitando os enfermos dos leprosários. Na outra cena, a imagem pedia às imaginações uma referência combinada a uma sequência temporal e espacial: impossível ver o menino sendo cuidado sem pensar no “monstro” que o havia atacado e onde e como aquilo poderia ter acontecido. A selvageria da natureza e da fortuna paira nos ambientes como sombras moribundas, frente às quais os personagens missionários se postam como espécie de anjos protetores e os visitantes como testemunhas oculares das cenas.

Desse modo, numa combinação de ambientes e recursos expositivos, a Exposição Missionária Salesiana conseguia orquestrar um discurso expográfico coeso e coerente, em seus próprios termos. “L’impressione che si riceve, anche da uno sguardo a volo d’uccello, lascia stupefatti”<sup>21</sup>, avalia o resultado geral da mostra o texto publicado na *Torino – Vista mensile municipale*. Oddone, o autor, destaca ainda que tudo aquilo que estava exposto tinha sido classificado e catalogado de forma a garantir aos visitantes uma “ideia objetiva das realidades locais e dos costumes dos povos desses lugares longínquos”, ou seja, os dois principais objetivos da mostra. Para esse efeito de fazer ver, os salesianos se valeram da combinação de duas estratégias expositivas: a simulação do real, como um índice da verdade, e a sua evocação metonímica mediada por objetos, iluminados por legendas ou quadros informativos.

Cientes de que as coleções não podiam por si próprias comunicar tudo aquilo que eles desejam, os salesianos se valeram de exaustivas descrições pictóricas, textuais ou matemáticas das regiões e das populações missionadas, ancorados num levantamento prévio de informações que havia sido realizado durante os preparativos para exposição vaticana. Do “real”, suas coleções tomavam de empréstimo os animais, plantas, rochas, fósseis, produtos e também todo o conjunto de coisas que serviam de rastro das populações que nesse “real” habitariam. Mas esses materiais reunidos ganhariam naquele contexto sentido específico quando emoldurados por um conceito que ali parecia ser bem preciso: “territórios de missão”. Esses eram os “objetos” primordiais a

---

<sup>21</sup> “A impressão que se tem, até mesmo em um passar de olhos, deixa as pessoas estupefatas”.

serem vistos e a exposição era o local e momento certo para essa operação.

## **Produzindo e exibindo territórios de missão**

Expressão cabal de um específico processo de “territorialização pastoral” – conceito trabalhado por Silvina Bastos Argañaraz (2004) para dar conta das intervenções eclesiais orientadas a articular a delimitação e a apropriação de um território (administrativo) paralelamente à inscrição dos grupos nativos num corpus de saberes<sup>22</sup> –, os quadros informativos e estatísticos preparados para ilustrar o que seria cada uma das missões salesianas nos permitem observar esse processo de produção simbólica de territórios em ação para a sua posterior exibição pública. Tomemos como exemplo o quadro geral da Missão Salesiana de Katanga, no então Congo Belga, material preparado em 1924 no contexto dos preparativos das duas exposições<sup>23</sup>. Esse tipo de documento foi expedido de Turim para cada uma das missões e a partir do seu conjunto foram coletadas as informações que seriam trabalhadas durante as mostras.

Dividida em dois macrotópicos (Lugar & Habitantes e Missionários e sua obra), o território de missão aparece como resultado das informações organizadas em 16 itens. Trata-se primeiro de definir: qual é a missão e quando ela foi fundada; em que parte do globo e quais os seus limites geográficos referentes ao seu território; quais são os produtos naturais e manufaturados; qual seu clima e “estado sanitário”; e quantificar a população, levando-se em conta a religião e a nacionalidade/“tribo”. A ficha oferece como possibilidades classificatórias religiosas “católicos ou catecúmenos”, “hereges ou cismáticos”, “judeus”, “pagãos” e “muçulmanos”. Em relação ao pertencimento coletivo, distinguia “indígenas” de “estrangeiros”. O staff

---

<sup>22</sup> Argumento traçado a partir das considerações de João Pacheco de Oliveira sobre os processos de territorialização de Estado.

<sup>23</sup> Dati Pei Quadri Generali dell’Opera di Don Bosco nell’Anno 1924. Arquivo Salesiano Central de Roma (A83803).

congregacional da missão e sua rede religiosa de apoio eram dimensionados pelo levantamento do número de missionários e missionárias em campo, sendo diferenciadas as suas procedências; quantificação do número total de religiosos mobilizados pela missão desde a data de sua fundação, sendo contabilizados inclusive os mortos; e notificação da presença de outros institutos religiosos na região e contagem desse contingente paralelo.

Exibida a sua estrutura, chegava a vez de mostrar os frutos espirituais das missões. Eram contabilizados itens com número de conversões, batismos e confirmações (crisma), primeiras comunhões, matrimônio, extrema-unção, funerais, novas profissões religiosas. Enfim, eram exibidos os meios de sustento da missão e seu estado econômico atual, que podiam contar com recursos provenientes das esmolas em geral; salários e direitos de estola; subsídios governamentais, da cúria e *Propaganda Fide*, do Capítulo Superior ou da inspetoria.

Uma vez expresso o território que a missão engendra, era necessário fazer ver seus habitantes, desdobrando a categoria “indígena” em específicos etnos. No salão das Missões da América, por exemplo, estavam no foco os Bororo, os Tucano, os Jivaro, os Chamacoco... Mas quais exatamente eram as informações que os missionários consideravam capazes de revelar um determinado povo? Aos seus olhos, o que os tornavam parte de um coletivo específico e distinto?

O capítulo publicado em 1909 pela Associação Nacional de Apoio aos Missionários Católicos Italianos dedicado à seção etnográfica das exposições missionárias lista uma série dessas informações. Segundo o documento, cabia aos missionários fornecer subsídios em relação a um povo para que os visitantes de uma exposição fossem capazes de saber...

1. Qual é o seu tipo físico predominante? Altura, corpo, forma do crânio, natureza do cabelo, da barba? Qual a estrutura e a proporção do corpo? São magros, gordos, robustos ou flácidos?

2. Qual seu caráter moral e intelectual? São inteligentes, ferozes, pacíficos, laboriosos, preguiçoso, leais...?

3. Se é hospitaleiro, de que forma exercem essa virtude?
4. Qual seu gênero de vida? São agricultores, caçadores, pescadores, pastores, coletores? Quais os métodos de trabalho? Quais instrumentos? Se há comércio, como ele se processa?
5. No que consiste a sua riqueza?
6. Como se ordena a sua família? Como se exerce a autoridade paterna? Qual é a posição da mulher? Existe poligamia ou divórcio? Quais são os vínculos de afeto entre pais e filhos?
7. Qual seu ordenamento político? Quem são seus chefes e subordinados? Existe eleições ou como se aplica o direito hereditário?
8. Como está construído seu ordenamento jurídico? Quais são os tipos de pena?
9. Como organiza sua vida militar?
10. Quais são seus hábitos e costumes? Quais são os trajes e ornamentos dos homens e mulheres, dos chefes, sacerdotes ou mágicos? Como são as cerimônias e danças de nascimento, casamento, morte, de guerra, de vitória? Como pode ser representada sua vida cotidiana e civil?
11. Quais são suas notícias e documentos históricos?

Para tentar responder a essas perguntas, os salesianos, de um lado, faziam dessas coleções materiais ilustrativos de suas observações etnográficas de campo. De outro, transformavam as suas produções intelectuais em suporte de um espetáculo visual mais amplo. Nele, cada grupo humano associado a esses específicos territórios pastorais figurava como uma espécie de capítulo dessa grande enciclopédia visual da humanidade. Para cada um deles, sempre associado a um território de missão, era reservado um espaço expositivo especial. Aos Bororo, por exemplo, foi destinado o lado esquerdo da Sala das Missões da América. Num espaço individualizado, todo material relacionado ao universo dos “índios do Mato Grosso” foi distribuído em quatro estandes, segundo a *Guida-Ricordo della Esposizione Missionaria Salesiana*.



Aqui, é importante registrar uma informação relacionada ao sistema de classificação desses artefatos. Na *Guida*, foram chamados de “objetos etnográficos” apenas os exibidos na terceira e quarta vitrines do terceiro estande. No primeiro e segundo estande, estavam os itens chamados de ornamentos (pariko, iwagudo, boe-kiga, etc). No quarto, o herbário bororo. No terceiro estande, tecidos, armas e, enfim, os tais objetos etnográficos: um conjunto de utensílios de uso cotidiano, descritos como instrumentos para produzir o fogo, conchas usadas como colheres, esteiras usadas como pratos, peneiras de palha, estruturas para mexer os alimentos, entre outros. Em documentos posteriores não existe essa distinção nem haverá na ocasião da consolidação do museu etnográfico missionário salesiano. Todavia, a variação neste momento reafirma nossa posição de tratar o termo “coleção/peça etnográfico” como uma categoria movente.

Na Exposição Missionária Salesiana como um todo, certamente o maior volume dos ditos objetos etnográficos foi exibido da maneira mais tradicional possível: mostrar a peça pela peça em si. Ou seja, o objeto documentado exibido em primeiro plano numa vitrine ou mostruário, cuja inteligibilidade estava ancorada na legenda que lhe dava seu contexto. Praticamente todo o conjunto de itens destacados pela *Guida* ou pelo redator da revista italiana se enquadra nesse grupo, que está submetido a um jogo expositivo mais amplo. Quando Oddone olhou para o cinturão jivaro confeccionado a partir de cabelos de inimigos vencidos em batalhas, informado da sua significação e história, ele pode ser tragado pelo objeto, pela sua aura poderíamos dizer, justamente por essa peça estar na posição de objeto de culto, a peça-documento chancelada por uma vitrine para a qual devotamos nossa respeitosa atenção e reconhecemos uma potência, mesmo que não saibamos exatamente qual seja.

Mas a força da exposição é garantida quando ela consegue combinar duas lógicas expositivas que conferem aos objetos a possibilidade de exercer dois status semiológicos não coincidentes. O primeiro deles está relacionado ao fato de que uma exposição conquista prestígio proporcional ao valor de culto que suas peças ou coleções adquirem nos seus espaços expositivos. Dependentes de um lastro

biográfico próprio para tal, alguns objetos museológicos tornam-se eixos de valores e se condensam num símbolo de si mesmo. Diante dos nossos olhos, algumas peças se individualizam. “A cabeça jivaro”, “o manto tupinambá” e por aí vai. Eventos expositivos e museus precisam de peças-destaques, elementos dramaticamente autônomos que encenam a fantasia do objeto de exposição.

Mas para se destacarem dessa forma, essas peças precisam estar imersas em meio às versões ordinárias, ao genérico. No caso da exposição salesiana, o volume expressivo servia tanto de moldura para o extraordinário como também de uma assinatura científica. Pois, por meio da abundância de objetos se evidenciava ao público a busca das “coleções completas” e das “variações de estilos”. Desse modo, em seus salões com *pedigree* científico, as peças-destaques e as ordinárias conviviam num mesmo sistema expositivo. Percorrendo os corredores as pessoas se entretinham entre os objetos ordinários até serem capturadas por uma peça-destaque, espécie de *punctum* tridimensionais da grande tela expositiva missionária. Ou seja, na linguagem barthesiana, elementos que rompiam com a superficialidade e linearidade do olhar e amalgamava o observador e a coisa observada numa instância particular e subjetiva.

Se for por conta da busca desses elementos especiais que as pessoas frequentam eventos expositivos, ou seja, em busca de serem capturadas pelas coisas, algumas delas precisam ser algo mais do que símbolos de si mesmas. Precisam ser também veículos de significação. Chegamos aqui ao nosso segundo nível semiológico. Nesse âmbito, as peças precisam ir além das relações que estabelecem entre si dentro do sistema expositivo e serem capazes não só de evidenciar as suas relações com o mundo, mas também proporcionar a sensação que ele está contido naquelas peças. Colocar peças em relação num texto visual era ali também uma maneira de ficcionar o mundo, no sentido que Jean-François Lyotard deu ao verbo, isto é, produzir um discurso sobre a sombra do status da verossimilhança.

A técnica para isso, digamos assim, os salesianos tomaram de empréstimo dos então modernos museus etnográficos científicos europeus, que, por sua vez, estariam incorporando nos seus programas

expositivos as metodologias desenvolvidas pelas grandes exposições universais para corrigir as perdas impostas pelos tradicionais museus de ciência do fim do século XIX. Ao transformá-los em “espécies” de um gênero mais amplo e abstrato para submetê-los em seus sistemas de classificação e seriação baseado nos moldes das ciências naturais, os antigos museus de história natural teriam extirpado dessas peças os seus contextos (L’Estoile, 2007). E as grandes exposições universais, compromissadas com o espetáculo e a eficiência da comunicação, teriam apontado para uma solução: “uma técnica narrativizante compensatória” capaz de reinsserir essas peças em um contexto reconstruído, “permitindo aos espectadores a acessibilidade e a ilusão de um vínculo experiencial com os objetos” (Sandberg, 2001: 449).

O caminho para isso seriam as “exibições funcionalistas”, isto é, mostrar o objeto em ação e em relação, seja com um corpo (mesmo que simulado), seja com outros objetos. Diante dessa perspectiva, seu valor etnográfico está condicionado a sua capacidade de produzir uma cena e dotá-la de inteligibilidade. Para isso, os salesianos se valem de múltiplas mídias: dioramas, fotografias, maquetes, miniaturas, composição cênica com os bonecos de cera e, enfim, quando transformado em signo de uma imagem que o ultrapassa, o próprio objeto torna-se uma mídia da categoria que ele expressa.

Interessante observar que a operação está atrelada a um imperativo bem moderno... e cinematográfico: exibidos dessa forma em um museu ou evento expositivo, passamos a esperar que os objetos narrem uma história. Quem foi que te fabricou? De que modo? Quando? Para quê? Qual o seu significado? O objeto nos remete ao outro. O objeto transforma uma ausência numa presença mediada (Debary, 2010).

É com esse valor de referência de um real que pode ser apreendido e comunicado que o dito objeto etnográfico é incorporado às exposições missionárias. Os missionários precisam mostrar ao seu público quem são os seus missionados; que vida eles levam; e o quão diferentes são dos cristãos. O valor do seu trabalho passa a depender do perfil daquele para o qual seu esforço é dirigido. É justamente esse enquadramento analítico que nos permite compreender as funções vitais

dos bonecos de cera, dos dioramas, das maquetes, miniaturas, da combinação entre objetos e fotografias, etc., para a construção da macromensagem missionária dentro dessas exposições. Pois, embora esse conjunto de ferramentas de comunicação carregue em si um potencial didático que, a primeira vista, parece típico da modernidade, ele é bem comum à velha Igreja: educar pelas imagens, de modo que, subjetivamente, não haja distância crítica entre o real e a representação.

Essa sobreposição imediata é expressa pelo jornalista de Turim quando ele anuncia ao seu público que os salesianos, misturando esses recursos com suas coleções de objetos originais, conseguem fazer ver as várias “raças da humanidade”, distinguidas pelos seus “hábitos de vida”. Conta o jornalista que os visitantes poderiam conferir na mostra, entre outras atrações, uma “pobre cabana” que os fará “recordarem dos trogloditas pré-históricos”, cenas de justiças rudimentares, mulheres ocupando-se das suas tarefas domésticas e um grupo de truculentos selvagens surpreendidos no ato de imolar uma jovem em sacrifício aos seus deuses. Assim, por meio do elenco descritivo do autor, podemos interpretar que a mostra funcionaria mesmo para o público como uma enciclopédia visual dos povos, e as suas cenas teriam valor etnográfico, ou seja, seriam índices do real.

Mas precisamos estar atentos a um fato crucial. O projeto enciclopédico e visual dos salesianos não funciona como um mero videoclipe de imagens justapostas. Ele ganha corpo e inteligibilidade ao se colocar a serviço de uma tese antropológica católica missionária fundamental, que determinará uma específica acepção do termo “cultura”<sup>24</sup>: mesmo reafirmando um dito desnivelamento material e civilizacional das sociedades não ocidentais, seria possível observar nesses povos a operacionalidade de uma cultura religiosa extensível a toda humanidade. Reconhecida como base geral da condição humana, essa proto-religiosidade seria o índice da igualdade entre os homens e mulheres

---

<sup>24</sup> Reflexões sobre essa tese antropológica católica e suas implicações para o projeto museológico salesiano foram desenvolvidas em trabalho paralelo (SILVA, 2015).

espalhados pelos vários territórios de missão e da igreja. Uma vez estabelecida e publicizada essa tese antropológica missionária por meio de recursos como as suas exposições espetaculares, em um só golpe, os missionários conseguiram amalgamar em um único discurso público as pretensões dos seus projetos espirituais e científicos. Identificar, diferenciar e descrever culturas (isto, é, produzi-las), para, a partir daí, aperfeiçoá-las ou corrigi-las.

## Bibliografia

ARGAÑARAZ, Silvina Bustos. 2004. *Das trevas da floresta: práticas missionárias dos capuchinhos da Úmbria no Alto Solimões*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Modalidades missionárias de conhecimento: os capuchinhos da Úmbria no Alto Solimões, 1910-1960. 2006. Paper apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. GT48 – Saberes Coloniais sobre os Indígenas em Exame.

BANCEL, N. et al (Org.). 2002. *Zoos Humains* de la vénus hottentote aux reality show. Paris: Éditions La Découverte.

BENJAMIN, Walter. 1994. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. in magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense.

BARTHES, Roland. 2008. *A Câmara Clara*. Lisboa. Edições 70.

CLIFFORD, James. 2008. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 3ª edição. Rio de Janeiro: editora UFRJ.

*Revista ANTROPOLÓGICAS*, ano 16, volume 23(2), 2012

DEBARY, Octave. 2010. “Segunda mão e segunda vida. Objetos, lembranças e fotografias”. *Revista memória em rede*. Pelotas, vol.2, pp. 27-45.

L’ESTOILE, Benoît de. 2007. *Le goût des autres: de l’Exposition Coloniale aux arts premiers*. Paris: Flammarion.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. 1997. *Exposições Universais: espetáculos da Modernidade do século XIX*. São Paulo: Editora Hucitec.

SILVA, Aramis Luis. 2015. Quando as musas vestem o hábito – Diálogo entre Antropologia, Museologia e História à soleira dos museus missionários. In *Revista Museologia & Interdisciplinaridade: Brasília*, v.4, n.º 7 (no prelo).

SANDBERG, Mark, 2001. “Efigie e narrativa: examinando o museu do folclore do século XIX. In CHARNEY, L. & Schwartz, V.R.. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify.

TACCA, Fernando de. 2002. “Rituais e Festas Bororo’. A construção do índio como “selvagem” na Comissão Rondon. In *Rev. Antropol.* vol.45, no.1, São Paulo, 2002.